

A P L E B E

PERIODICO COMMUNISTA-LIBERTARIO

Acima de todos os choques de principios politicos e filosoficos e das divergencias pessoais, os trabalhadores devem por a necessidade da uniao de sua classe no terreno commum da luta contra o capitalismo oppressor.

Sede: RUA BARAO DE PARANAPIACABA, 4 - Sala 10 Expediente á noite Caixa Postal, 195 - S. PAULO

ASSIGNATURAS
Anno 10\$000 Semestre 5\$000
Numero avulso \$100 Pacotes: 12 exemplares, 1\$000

Correspondencia: Redacção - EDGARD LEUENROTH Administracção - RODOLPHO FELIPPE

1.º DE MAIO

Ha datas que pela elevada importancia de sua significação, pelo valor moral que representam em relação aos destinos da Humanidade e pela excelsa grandeza de suas virtudes continuam indefinidamente, através dos seculos, a marcar uma epoca de progresso na memoria dos povos e a revolucionar-lhes as consciencias, fazendo-lhes ver, que os heroes das gerações passadas vivem perfeitamente na memoria da geração actual e através da historia ainda exercem sua benéfica influencia no meio social, em que vivemos, encorajando-nos e estimulandonos para proseguirmos na luta até a completa e definitiva victoria da causa da liberdade e da justiça pela qual deram em holocausto suas proprias vidas.

A data de hoje, aureolada com os admiraveis exemplos dos bravos lutadores que mais se destacaram na luta para a conquista das oito horas é a mais perfeita confirmação do que acabamos de dizer.

Eis porque o dia 1.º de Maio, anniversario da conquista das 8 horas, é internacionalmente consagrado á demonstração de solidariedade das classes trabalhadoras que, num gesto de indignação e de odio, protestam contra as instituições burguezas, fazendo ver a todos os tyrannos que ali vivem o dia em que as classes produtoras se vingarão de todas as affrontas pondo cobro ás inqualificaveis infamias e a todas as miserias moraes das classes parasitarias.

O sangue de todas as victimas das iniquidades burguezas clamam justiça e as suas vozes não se perdem na vastidão do deserto, mas ecoam em todas as consciencias, porque são animadas pela força irredutivel da Verdade.

E a prova disto se constata no facto de no periodo decorrido de 1.º de Maio 86 até hoje se haver operado no seio da Humanidade uma serie de revoluções, cada uma das quais mais caracteristica do estado de espirito das massas proletarias e da consciencia que as mesmas vão adquirindo na serie das lutas travadas contra seus insurpadores, que dia a dia vão perdendo terreno.

Haja vista o que actualmente se passa na Italia, em Portugal, na Hespanha e outros paizes do velho continente; onde o proletariado organizado de accordo com os principios revolucionarios tem imposto a sua vontade, fazendo valer os seus direitos ao Bem-estar, á Vida e á Liberdade.

Ora é a burguezia assustada com a posse das terras e das fabricas pelos trabalhadores das cidades e dos campos, como na Italia; ora pela resistencia heroica e sem exemplo das suas victimas como na Hespanha, onde os syndicalistas respondem á violencia e ao terror governamentais com a violencia de sua audacia temeraria; ora pela tumultuosa e continua agitação das massas que tornam insustentavel a manutenção dos chefes de Estado, como em Portugal, onde frequentemente se verifica a queda de um governador, que é substituído por outro,



A verdade triumpho contra os embustes e abate a tyrannia. Eis porque o ideal anarchista, a tremar a Hydra Burgueza em seus dominios, impellido-a para o abismo de que se aproxima.

sem jamais o povo se conformar com a propria situação!

E, como se esses sobressaltos ainda não lhe bastassem, apparece-lhe, de quando em quando, um ou outro caso extraordinario, como o protesto do proletariado internacional em favor de Sacco e Vanzelli, suscitando a execução da pena de morte a que foram injustamente condemnados pelos iniquos, tribunales da terra do dolar, daquelle mesma celebrissima terra de appressão e despotismo que um antio após á data de hoje fóra regada com sangue rubramente fecundo das heroicas victimas sacrificadas nas forcas de Chicago.

A burguezia, afinal, como o naufrago no alto mar, procura uma taboa de salvacção, mas essa não lhe apparece, porque o peso de seus nefarios crimes não lhe permite fluctuar á superficie.

Está condemnada á morte. E' o que se verifica agora, depois da mais monstruosa de todas as guerras, nos seus conclavos, na actual conferencia de Genova, que não passa de um conluio de salteadores, prestes a se engalfinharem na disputa das presas de guerra.

E diante de tudo isto, resta nos apenar uma esperanza, que é a acção das classes trabalhadoras no terreno da rehabilitação moral e economica da humanidade.

Trabalhemos, pois, para a realização desse ideal.

JOÃO PINTO

PARA REFLECTIR

Dentro de uma farda não ha lugar para um coração.

EISEU RECLUS.

— Se os meus soldados reflectissem nenhum se bateria.

FREDERICO II.

VICTOR SERGE E OS ANARCHISTAS

Podemos accentuar a boa vontade dos anarchistas para com a repulção russa mostrando, sempre com palavras de Victor Serge, qual a acção dos anarchistas nos movimentos de 1917.

Procurando definir o que é bolchevismo "elle descreve rapidamente a situação das varias correntes e parti- os nas antevesperas da revolução e diz que apenas os bolchevistas entre os partidos russos "se punham a falar como só os anarchistas antes delles haviam falado". Depois acrescenta: "Porque não é mau lembrar. Até á revolução de outubro, e *algum tempo depois*, os anarchistas se chamavam *communistas* e se affirmavam claramente anti-stalistas. Nunca os propogandistas, officiaes do socialismo recordavam as passagens de Marx e Turgenev referentes á necessidade do desaparelhamento do Estado. Lenin, Zinoviev, Bukharine, proclamando incompetivis as ideias de communismo e do Estado, reatavam a tradição revolucionaria do socialismo que só as diversas tendencias anarchistas continuavam antes da retumbante victoria delles. Só os anarchistas, antes do bolchevismo, eram anti-democratas e anti-patriotas.

Só elles preconizavam a revolução, isto é, a expropriação immediata da classe possuidora (ver a *Conquista do pão* de Kropotkin). Só elles aceitavam altamente os recursos aos methodos de violencia e o principio do terrorismo e não foi sem razão que, de fevereiro a outubro de 1917, no intervalo das duas revoluções, bolchevistas e anarchistas russo collaboraram fraternalmente durante as jornadas decisivas de julho e outubro, a iniciativa da acção lhes pertence igualmente.

Feita a revolução os anarchistas russos não trepidavam em defendel-a. E' o proprio Victor Serge quem o conta: Por toda a parte os anarchistas russos, muito divididos nesse ponto (quanto á defesa) em teoria, resolveram-na praticamente tomando as armas, primeiro nas guardas vermelhas, depois no exercito vermelho. Formando bandos de partidarios, bateram-se contra Denikine; contribuíram para a defesa de Petrogrado contra Yudenitch, derramaram o sangue em todas as frentes da Republica dos Soviets.

Esta claro, pois, que os anarchistas russos não se negaram a sacrificios nem contrariaram de modo algum as aspirações revolucionarias para o communismo.

De onde vem, portanto, a aversão bolchevista ao anarchismo?

Victor Serge, para nos informar disse, classifica os anarchistas russos em tres grupos: 1.º) os *clandestinos* ou *subterraneos*, inimigos mortaes da dictadura, oppostos á centralização, aos agentes, aos excessos de toda a sorte. Proclamavam a luta a mão armada contra os ditadores, em *represália*, insiste Serge, *ds medidas de repressão contra a Ukrania anarchica*. Foram os autores do atentado contra o Comité Central do Partido Communista de Moscou. Esses anarchistas, afirma Serge, devem ter morrido (todos — 2.º) os do *Centro*, intermediarios entre communistas e anti-communistas (isto é, anti-bolchevistas). Essa é a maioria. Criticam os abusos e os me-

thodos. Formam a *União dos Anarchistas de Moscou* e a *Federacção da Juventude Anarchista*, além de varios outros grupos. A esses deve-se ajuntar a *Confederacção Anarchista Ukraniana do Nabat* criada por Voline, com mais espirito pratico e uma *theoria muito mais forte*, declara Serge. Elles admitem a *dictadura do trabalho* (?), negam a necessidade de um periodo de transição definida entre o capitalismo e o Communismo. Para elles a revolução não pode parar, deve proseguir até o estabelecimento do communismo integral libertario. O *Nabat* é irreduzivelmente hostil a toda centralização por cima e ao serviço militar imposto por uma autoridade central. Serge confessa que «essa ideologia teve na Ukrania grande exito». E acrescenta: «Se não se houvesse chocado com o Communismo marxista dos Grandes-Russos, parece que, segundo testemunhos bem informados, *teria podido dar resultados positivos*, isto é, uma orientação original á revolução social na Ukrania» — 3.º) Os anarchistas *sovietistas*. Achaem que lhes oumprem defender a revolução russa, embora não concordem totalmente com os principios e processos. O grupo *Coloss Trida* chegou mesmo a aceitar a militarização do trabalho.

A aversão bolchevista aos anarchistas principiou, segundo Serge, pelos desmandos destes. Depois de outubro os anarchistas dominaram por toda a parte. O soviet era orgão delles; tinham diarios em Petrogrado e Moscou, estavam armadas e transformaram os palacios em verdadeiras fortalezas, ouriçadas de metralhadoras. «Seus estados-maiores», conta Serge, requisitavam, vistoriavam, prendiam, sem fiscalização e sem que se lograsse discernir onde acabava o acto revolucionario e começava o banditismo; do mesmo modo a falta de organização formal impedia distinguir o anarchista do pescador de aguas turvas». Os bolchevistas foram forçados a desarmar as cidadelas desses *anarchistas* a cañão. Vencidos elles alguns restos vegetaram apenas, excepto na Ukrania, onde a carencia da coerção deu surto ao banditismo feroz de muitos.

Está-se vendo nessa relação como se misturam, na Russia, alhos com bugalhos. O proprio Serge, visivelmente, enguliu a pillula e vae, transmitindo a saigallicada aos camaradas do occidente. Claro é, com effeito, que os bolchevistas incluíram, sob o rotulo de anarchistas, todos os desordeiros, depredadores, ladrões e assassinos, inevitáveis em qualquer subversão social. O proprio Serge confessa (pag. 42) que, apesar de haverem decretado a pena de morte contra o banditismo os bolchevistas ainda não conseguiram hospital-o. Num escripto seu Lenin confunde Matklu com os bandoleiros de Ukrania e a perseguição systematica aos anarchistas *não conformados* com a dictadura revela o proposito da mystificação.

1.º DE MAIO

Ao proletariado e aos assalariados em geral

Companheiros!

1.º de Maio! Data de rememorações pungentes, de áltivos protestos contra as injustiças sociais e de decisivas afirmações de direitos irrecusáveis.

1.º de Maio! Epheméride inesquecível que condensa em si, numa synthese acabrunhadora, toda a dolorosa historia do martyriologio dos abnegados combatentes da causa proletaria.

Para commemorar a solidarizar-se a phalange obreira de todo o mundo. Nessa affirmação da vitalidade de sua classe, os trabalhadores despresam as fronteiras convencionaes que dividem os povos, collocam-se acima das distincções de raças e de nacionalidades e, numa immensa manifestação internacional, em que a firmeza de convicções se casa com a decisão de vencer, proclamam bem alto a sua repulsa ao dominante regimen de iniquidades e o seu proposito de lutar até a completa victoria dos principios de suprema justiça social.

Companheiros!

1.º de Maio foi o dia determinado pelo proletariado dos Estados Unidos para, em 1886, numa colossal agitação, firmar a conquista da jornada de 8 horas.

O objectivo dos trabalhadores foi alcançado. A sua solidariedade e firmeza levaram-nos á victoria.

A luta teve, porém, os seus effeitos tragicos. O capitalismo, ferido nos seus interesses, não se conformou com o exilio da peleja operaria e quiz tirar a sua desforra e saciar a sua sanha de vingança.

Dahi a tragedia de Chicago. Cinco dedicados militantes do movimento operario e social, notaveis pelo seu saber, grandes pelo seu heroismo e sublimes pelo seu espirito de sacrificio, pagaram com a vida o esforço que haviam desinteressadamente dedicado ao movimento dos trabalhadores.

Por isso, quando, em 1889, em congressos internacionais se escolheu o dia 1.º de Maio para uma manifestação universal, o proletariado accitou-a com enthusiasmo dando-lhe um caracter reivindicativo.

A batalha formidavel de 1886 dos obreiros norte-americanos assim o exigia, e os corpos dos nossos companheiros balouçando das forcas burguezas de Chicago surgiram por toda a parte como rubros estandartes a conduzir os trabalhadores á luta incessante contra a injustiça e pela justiça.

Trabalhadores!

Plumitivos ao serviço do capitalismo e mystificadores contumazes pretendem disvirtuar a significação da data de 1.º de Maio. Com uma ignorancia patente e com um revoltante cynismo, affirmam que o 1.º de

Maio é uma commemoração festiva do trabalho! E promovem passeatas recreativas com bailes e bebedeiras.

CrUEL IRRISÃO! Podem acaso os operarios festejar o trabalho, quando elle constitue hoje um castigo, sem lhes proporcionar nem sequer o que é mais indispensavel á vida de seres uteis e productivos, ao passo que é fonte de riquezas fabulosas, esbanjadas em luxo e vicio, para quem vive parasitariamente?

Serão dignos os trabalhadores que se esquecem da origem, toda de luta, dor e protesto, do 1.º de Maio para se prestarem aos manejos dos exploradores e seus sequezes?

Não, mil vezes não!

Operarios!

Não nos aviltemos perante o proletariado consciente que por todo o mundo combate heroicamente em prol da causa commum e que em 1.º de Maio abandona as officinas, deixa as fabricas, sobe das entranhas da terra, deserta dos campos. Faz cessar, enfim, a actividade em todos os centros de trabalho para attestar o valor da solidariedade na batalha travada contra o regimen do salariato e do patronato e que se váe approximando do seu periodo decisivo.

Victimas do salariato!

Commemorando a data de 1.º de Maio devemos firmar tambem o nosso proposito de lutar neste paiz, cuja estrutura e condições economico-sociaes são identicas ás das demais nações igualmente sujeitas ao regimen capitalista, pela defesa de nossos direitos menospresados.

Aqui, como em toda a parte, soffremos as consequencias da carestia geral, sem que os nossos salarios tenham melhorado.

Em nossos pobres lares, sem conforto e sem hygiene, o pão escasseia. A fome ronda-nos a porta.

E' preciso, pois, agir, para agir necessario se torna a união e a união se consegue com a associação.

Que todos os proletarios se dediquem activamente ao trabalho fecundo da organização proletaria. Reforcem-se os syndicatos existentes, reergam-se os desaparecidos, arrigimentem-se as classes dispersas.

Sómente assim, firmando a nossa união, commemo-remos dignamente a data gloriosa de 1.º de Maio!

Trabalhadores de S. Paulo!

As organizações operarias de S. Paulo promovem em 1.º de Maio uma reunião commemorativa no **Salão Celso Garcia, á rua do Carmo, 23, á 1 hora da tarde.**

Para essa commemoração são convidados os trabalhadores em geral.

A' reunião, pois, operarios!

Viva o 1.º de Maio! Abaixo a tyrannia!..

AS COMISSÕES ORGANIZADAS

União dos T. Graphics — União dos Artífices em Calçados — Liga. O.
 Construcção Civil — União dos E. em Cafés — União dos Chapeleiros
 - Internacional — União dos Metallurgicos — União dos Canteiros.